

## Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada

### Towards ‘critical proximity’ in Applied Linguistics studies

Luiz Paulo da Moita Lopes<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
moitalopes1@gmail.com

Branca Falabella Fabrício<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
brancaff@globo.com

**Resumo:** Este artigo defende a necessidade de proximidade crítica em Linguística Aplicada com base na desconstrução de uma episteme ocidentalista que separa pesquisa, pesquisador e poder. Tal crença nos levou à prefiguração de um pesquisador branco, heterossexual, e masculino, construtor de ‘verdades científicas’. Na modernidade em transição em que nos situamos, esses ideais são perturbados tendo em vista as mudanças e perplexidades sociais que nos desafiam cotidianamente e que destroam os modos tradicionais de produzir conhecimento. Argumentamos a favor da importância do questionamento de ideologias linguísticas e epistemológicas comprometidas com qualquer significado de transparência teórica. Ao concluir, apresentamos a imaginação utópica como um exercício epistemológico de proximidade crítica que é central em face de seus possíveis ganhos transgressivos.

**Palavras-chave:** proximidade crítica; modernidade em transição; imaginação epistemológica.

**Abstract:** This article argues for the need of critical proximity in Applied Linguistics, based on the deconstruction of the persistent occidentalist belief in the separa-

<sup>1</sup> Professor Titular Aposentado do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

<sup>2</sup> Professora do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

tion between research, researcher and power. Such episteme has guided us into the prefiguration of a white, heterosexual, and male researcher who constructs ‘scientific truths’. In the present stage of modernity, such ideals do not make any sense in view of the social changes and perplexities that challenge us every day and dethrone such manners of knowledge construction. We highlight the importance of questioning linguistic and epistemological ideologies associated with any sense of effectiveness or theoretical transparency. By way of conclusion, we present the epistemological relevance of imagining the impossible as a central exercise of such critical proximity due to its transgressive gains.

**Key-words:** critical proximity; modernity in transition; epistemological imagination.

[...] por de baixo de um brilho aparente, a ciência moderna, que o projeto da modernidade considerou ser a solução privilegiada para a progressiva e global racionalização da vida social e individual, tem-se vindo a converter, ela própria num problema sem solução, gerador de recorrentes irracionalidades. Penso hoje que essa transição paradigmática, longe de se confinar ao domínio epistemológico, ocorre no plano societal global. (Santos, 2001, p. 34).

## Introdução

Em um artigo muito citado, Pennycook (2016) levanta quatro sentidos para o uso do termo crítico acoplado à denominação da área de investigação conhecida como Linguística Aplicada (LA). Segundo o autor, crítico pode ser usado no sentido de produzir conhecimento pautado por neutralidade e objetividade, em sintonia com o ideal positivista de distância crítica. Crítico também pode se referir a um tipo de conhecimento que tenha relevância para as práticas sociais nas quais a pesquisa está situada. Há ainda um outro sentido de crítico, de inspiração marxista e com grande influência nas Ciências Humanas e Sociais. Pautada pela preocupação em desvendar fenômenos mascarados por ideologias, tal abordagem crítica busca desvelar a “verdade” de compreensões “distorcidas” da “realidade”. E, por último, há uma acepção de crítico segundo a qual a produção de conhecimento na fase atual da modernidade jamais encontra uma resposta final, pois o acontecimento sob observação não é fixo, estando sempre em movimento. Orienta essa compreensão a ideia de que fazer pesquisa é uma prática continuamente problematizadora que “forma os objetos dos quais fala” (Foucault, 1979, p. 49).

É justamente o primeiro significado de crítico que inicialmente nos interessa uma vez que, no nosso entender, é ele que de alguma forma subjaz ainda ao entendimento de grande parte dos processos de investigação: a procura da ‘verdade’ por um/a pesquisador/a que se posiciona como estando separado do ato de fazer pesquisa. Apesar do clamor foucaultiano de que a verdade é feita por pessoas que habitam nosso mundo com seus desejos e ideologias (Foucault, 1979), a preocupação com pureza/verdade na produção do conhecimento foi definitiva na modernidade, marcada por um ideal de ciência que não concebia a inseparabilidade de pesquisa, subjetividade e poder. Assim, a produção do conhecimento está situada no olho do exercício do poder e, na modernidade, foi crucialmente definida por ideais colonialistas de conhecimento branco, heterossexual, masculino, cristão, capitalista etc.

(Bauman e Briggs, 2003). Tal visão, encapsulada por uma retórica de distanciamento crítico, ainda é surpreendentemente imperiosa na modernidade em transição que vivemos atualmente – processo tributário dos sulcos que o positivismo marcou na vida social e na produção do conhecimento no ocidente. Por outro lado, ela convive com os outros significados de crítico que consideram, embora às vezes implicitamente, o papel do/a pesquisador/a: sua situacionalidade social, seu papel como revelador de uma ideologia embaçadora e enganadora e seu posicionamento como aquele que nunca está satisfeito com o ponto em que chegou na investigação.

Linguística Aplicada crítica, neste artigo, se baseia na noção de que o conhecimento vem de algum lugar: o/a pesquisador/a e sua subjetividade são fundamentais. Assim, em vez de se pautar por distância crítica, i.e. o apagamento do sujeito que pesquisa, uma LA crítica enfatiza a performance do/a pesquisador/a, entendendo que modos de falar, sentir, sofrer, gozar etc. são inseparáveis do ato de pesquisar. É portanto de uma perspectiva que valoriza a “proximidade crítica”, seguindo Santos (2001), que desejamos agir no ato de investigar. O distanciamento crítico não faz mais sentido (se alguma vez fez?) em um mundo social em que muitas das visões, das categorias e das explicações que nos trouxeram até aqui são verdadeiros zumbis/mortos vivos, como apontou Beck (2001). De fato, tais zumbis habitam ainda, de modo surpreendente, o largo espectro dos estudos da linguagem, para além dos limites do que se convencionou chamar de LA em muitos círculos.

Organizamos nossa discussão em quatro seções. Na primeira, tratamos de como uma Linguística Aplicada crítica dialoga como uma modernidade em transição. A seguir, refletimos sobre a necessidade do exercício de criatividade epistêmica frente as perplexidades sociais que nos assombram. Daí o desafio imperioso de imaginar diferentemente a pesquisa em Linguística Aplicada. Na terceira parte, nos movemos para a inevitabilidade de pensar nosso campo como sendo orientado por ideologias linguísticas e epistemológicas, em vez de continuarmos a caminhar com teorias linguísticas que se projetam como transparentes e condutoras da palavra definitiva sobre a linguagem. Ao concluir, damos voz ao desejo epistemológico de imaginar o impossível que, na nossa compreensão, é inescapável de uma LA da proximidade crítica.

## **Linguística Aplicada crítica em uma modernidade em transição**

Entendendo a modernidade como o período da história que começa com os descobrimentos de novos mundos no século XV e XVI, momento no qual a Europa se constitui como tal e se ocidentaliza e orientaliza o outro (Venn, 2000; Said, 2007). É possível dizer, então, que a produção do conhecimento nesse período se depara com a ‘outrização’ do mundo. É aqui que processos binários de conhecer e pensar a ‘realidade’ social são articulados. Europeu/não-europeu, moderno/atrasado e civilizado/não-civilizados, por exemplo, figuram entre as muitas dicotomias produzidas no confronto com o ‘outro’ e por sua conseqüente inferiorização. Tais divisões classificatórias, subjacentes ao poder de modelar, domesticar e dominar o ‘estrangeiro’, operaram simultaneamente ao processo colonizador e seu ímpeto acumulador de capital nas metrópoles. Aqui o cristianismo é uma das molas propulsoras centrais deste processo. Hoje se sabe, por exemplo, que até o desejo sexual era objeto de controle dos conquistadores

em seu modo de conhecer/conceber o outro. Fernandes (2017) relata como a colonização portuguesa, com sua moralidade e ideologia cristãs, coibia práticas de exercício da sexualidade homoerótica, que eram e são comuns em meio aos habitantes nativos do que foi inventado como Brasil. Estamos aqui diante de uma formulação de conhecimento que tem como gesto colonizador central a produção de saberes sobre o outro que é tomado, prefiguradamente, como heterossexual.

O foco desta forma de conhecer não tem nada de distância crítica. Ao contrário, exerce poder sobre a subjetividade do outro: uma questão central na produção de conhecimento na Linguística Aplicada assim como em outros campos das Ciências Humanas e Sociais. Além disso, desconsidera de onde essa produção de conhecimento provém, naturalizando seus interesses. A literatura é vasta no relato sobre a inferiorização racial (Fanon, 2008), linguística (Makoni e Pennycook, 2007), sexual (Fernandes, 2017), religiosa (Gruzinski, 2001), generificada (Anzaldúa, 1987), epistemológica (Mignolo, 2000) etc. Tal imaginação colonial predatória pautou, e ainda pauta, discursos sobre outridades em um mundo que, muitas vezes, se enuncia como pós-colonial. Muito do conhecimento que ainda se produz, quando não passa por inferiorização alteritária, ainda opera com ideais de verdade e transparência do conhecimento, como se escolhas teóricas, analíticas e metodológicas não tivessem um endereço ideológico.

Essa modernidade colonial da qual falamos até agora funcionava segundo uma dinâmica bélica em diferentes sentidos, inclusive epistemológico, ao eleger um reinado de essencialismos binarizantes. Entretanto, tal *modus operandi* não era desprovido de tensões. O mundo colonial foi principalmente um mundo de misturas, de mestiçagens, de fronteiras porosas, de hibridismos e de ambiguidades, apesar das forças epistêmicas que insistiam nas ideias de essência, clareza, divisão e pureza em suas teorizações, aparatos analíticos e metodologias. Basta olhar a arquitetura Mexicana para mirar os hibridismos colombianos e pré-colombianos (Gruzinski, 2001) ou lembrar como o chamado modernismo artístico brasileiro, antropofagicamente, lidou com a arte europeia (o quadro “Abaporu” de Tarsila do Amaral é um exemplo contundente aqui). É essa também, por exemplo, a crítica ferrenha que Pratt (1987), precursoramente, faz ao estruturalismo linguístico e seu anseio por separar línguas por meio de abstrações que projetavam estruturas claras e autônomas, ignorando o contato linguístico ou como as pessoas viviam e vivem, de fato, suas vidas linguísticas e culturais. Foi tal lógica discriminadora que operou na invenção das chamadas línguas naturais e na construção de impérios, países e nações, levando ao paradoxo de nomear falantes de uma língua quando nem eles próprios sabiam que a falavam. A divisão na ponta da régua da geografia africana, orientada pelos interesses das nações imperialistas, levou a tais embaraços linguísticos relativamente recentes (Makoni e Pennycook, 2007). De uma forma diversa, esse fato atualiza na prática a máxima Nebrijana de que as línguas sempre foram companheiras de impérios, mesmo quando se tratava de definir como línguas os contatos linguísticos existentes.

No entanto, apesar da presença ainda forte desse tipo de modernidade, podemos dizer que ela se encontra em uma fase de transição. Devido à globalização e, apesar de um capitalismo rentista mais feroz ainda do que o capitalismo da conquista acima mencionado, devido a sua complexidade e velocidade, podemos dizer que essa modernidade em transição tem sido acirrada pela globalização. Este é um mundo de misturas ainda mais intensas, hibridismos e contatos de todas as naturezas. Este é o mundo da mobilidade cada vez mais acelerada de línguas, textos, pessoas e discursos. Na visão otimis-

ta de Santos (2000), apesar da crítica que faz à globalização do capital que passa por cima de todos e tudo, beneficiando alguns poucos, há um lado bom em tal globalização se quisermos pensá-la diferentemente, já que pela primeira vez nos defrontamos com a humanidade, em toda a sua heterogeneidade e complexidade. Ou talvez, seja possível dizer que estamos diante da superdiversidade (Vertovec, 2005) do que se pode considerar humano.

Aqui nos apoiamos no conceito de superdiversidade para dar conta de como a vida se tornou acentuadamente múltipla, i.e. superdiversa<sup>3</sup>, nas redes sociais, no uso do whatsapp e outros aplicativos etc. para além, portanto, do significado inicial. Se já era pouco produtivo abordar a vida social pelas lentes da catalogação, dos essencialismos e do purismo, com o acirramento dos processos de globalização, tal pensamento se torna mesmo nocivo à produção do conhecimento. Precisamos, talvez, do que Mignolo (2000) nomeou de conhecimento de fronteira (*border gnosis*) para dar conta do “incremento exponencial da zona de contato, da superfície de atrito, da diversidade de trajetórias... e das misturas” (Fabrício, 2017, p. 612). Isso significa dizer que necessitamos operar com outra lógica, com outras teorizações, metodologias e categorizações que dêem conta 1) da mobilidade dos significados que são performatizados aqui e ali; 2) das mudanças que experimentamos, inclusive somaticamente, em um mundo altamente tecnologizado e superdiverso; e 3) dos artefatos culturais e recursos semióticos (textos, imagens e vídeos, por exemplo) que surgem em lugares inesperados etc. (Blommaert e Rampton, 2011; Pennycook, 2012; Moita-Lopes e Fabrício, 2018). Todas essas mudanças nos levam ao confronto com perplexidades sociais incontáveis em nossa modernidade em transição. Isso significa dizer que o projeto da modernidade não se esgotou mas,

Que se cumpriu em excessos e déficits irreparáveis. São eles que constituem a nossa contemporaneidade e é deles que temos que partir para imaginar o futuro e criar as necessidades radicais cuja satisfação o tornarão diferente e melhor que o presente. A relação entre o moderno e o pós-moderno é uma relação contraditória. Não é de ruptura total como querem alguns, nem de linear continuidade como querem outros. É uma situação de transição em que há momentos de ruptura e momentos de continuidade (Santos, 2001, p. 102-103).

Considerar a tensão entre persistências e descontinuidades na área de Linguística Aplicada faz parte da perspectiva crítica explorada neste capítulo. Ela seria a mola propulsora da (re)imaginação.

## Perplexidades sociais e imaginação epistemológica em Linguística Aplicada

Longe do ideal nomotético e positivista da distância crítica e, portanto, das grandes generalizações, a perspectiva aqui construída sobre a modernidade em transição requer o exercício de outros modos de imaginação epistemológica para dar conta da proximidade crítica de natureza ideográfica diante das perplexidades sociais que enfrentamos. As grandes generalizações tornam-se frágeis em um mundo em mobilidade cada vez mais rápida nos meios de comunicação contemporâneos. A cir-

<sup>3</sup> Superdiversidade é um conceito do campo da demografia relativo aos processos de migração intensa que vem afetando a vida nas grandes metrópoles do mundo.

culação acelerada produz significados sempre outros em suas performatividades. O que precisamos é saber como nos acercarmos desse mundo. A tarefa parece, então, requerer a produção de histórias que se performatizam aqui e ali na construção do conhecimento. Narrativas totalizantes, balizadas por padronização da vida social em variáveis específicas essencializadas, parecem deslocadas e estranhas em contextos intensamente cambiantes. A mesma crítica cabe a metodologias positivistas que igualmente não podem dar conta do fluxo e performativizações. Um tal ideal se torna agora impossível, pois está situado na contramão tanto de avanços teóricos como de práticas sociais atuais. Como estudar questões de linguagem e gênero, por exemplo, ignorando toda teorização elencada por feministas desde Beauvoir (1981), Rubin (1992) até Butler (1990) Butler (2004, por exemplo) e Preciado (2015), que desmontam qualquer possibilidade de falar de variáveis como gênero, tradicionalmente essencializadas nos estudos linguísticos (ver também Moita-Lopes, 2013)?

É assim que Santos (2006) tem dito que essa problematização é epistemológica porque é social: uma equação arrojada e rara de ser vista no vasto campo das Ciências Humanas e Sociais. É reveladora de uma inquietação sobre a vida social que recai sobre a pesquisa. É essa mesma inquietação que guia o sentido de Linguística Aplicada crítica aqui. Como é possível operar no campo aplicado dos estudos da linguagem sem tal intranquilidade, tendo em vista as perplexidades sóciopolíticas que nos perseguem em nossos dias? Por tal razão, Santos (2001, p. 4) indica que:

A acumulação das irracionalidades no perigo iminente de catástrofe ecológica, na miséria e na fome a que é sujeita uma grande parte da população mundial – quando há recursos disponíveis para lhes proporcionar uma vida decente e uma pequena minoria da população vive numa sociedade de desperdício e morre de abundância –, na destruição pela guerra de populações e comunidades [...] – todas estas e muitas outras irracionalidades se acumulam ao mesmo tempo que se aprofunda a crise das soluções que a modernidade propôs [...]. (Santos, 2001, p. 43)

Muitas das perplexidades sociais são também sociolinguísticas, uma vez que a dimensão linguística é crucial para compreender a dimensão social, principalmente em um mundo em que o discurso é cada vez mais central em face dos processos de hipersemiotização que vivemos. Os dilemas indiciam que vários sentidos tradicionalizados ou substancializados nas práticas sociais estão sendo continuamente destronados. Como entender a parentalidade no belo filme de Almodóvar, intitulado *Tudo sobre minha mãe*, em que a mãe é performativizada pelo pai biológico (ver Gonzales e Moita-Lopes, 2015)? Como dar conta de processos de aprender a ser aceito nos processos de transexualização em clínicas brasileiras (Borba, 2016)? Como entender os micro-fascismos cotidianos provocados no Brasil com a migração de estudantes de várias partes por meio de exames vestibulares que possibilitam acesso a lugares diversos, levando os alunos a lidar com a diferença (Freitas e Moita-Lopes, 2019)? Como explicar que o desejo sexual possa ser rapidamente satisfeito pelos chamados aplicativos de pegação (Bonfante, 2016)? Como entender que questões tão cruciais como enfermidades (Oliveira, 2014) e maternidade (Pinheiro, 2014) possam ser discutidas nas redes sociais com estranhos, tendo ecos performativos em nossas vidas sociais no mundo *online-offline*? Como compreender que as redes sociais possam funcionar como lugar de trabalho sexual para um rapaz negro e homoerótico, que



adquire acesso social (Melo e Moita-Lopes, 2014)? Como explicar os sentidos sobre nacionalidade que viajam pelas redes sociais com implicações de alta reflexividade para cotidianos que passam a ser translocalizados (Fabrício, 2018)? Como compreender a necessidade de implementar abordagens educacionais *queer* em sala de aula (Carvalho, 2013; Fabrício, 2014; Rocha, 2014; Silva, 2015), que revolucionam compreensões tão arraigadas sobre o desejo e que trazem infelicidade para os alunos? Como pesquisar a paisagem linguística em espaços como banheiros públicos, considerados abjetos pela episteme colonial (Barboza, 2018)? Como entender discursos sedimentados e inovadores sobre sexualidade que convivem em uma *lanhouse* na ‘periferia’ (Moita-Lopes *et al.*, 2019)? Como possibilitar a compreensão das performances narrativas interseccionalizadas de uma travesti quilombola e do potencial transformador dessa pesquisa que questiona significados modernistas para ‘identidade’, ‘língua’ e ‘território’ (Camargo, 2019)?

Essas perguntas são fonte de muitas perplexidades sociais e precisam ser compreendidas pelo que estamos chamando aqui de proximidade crítica e de imaginação epistemológica, promotoras de novas construções teórico-analítico-metodológicas sobre o que estudamos. Tais perguntas alavancam para o foco de investigação questões que não eram colocadas em um passado recente ou que, longe de nossa modernidade em transição, “repousavam” embaixo do tapete, por assim dizer.

### Por outras ideologias linguísticas e epistemologias

Se, como argumentamos acima, a Linguística Aplicada tem sido marcada por uma visão modernista de língua e linguagem, o questionamento de tal visão encontra-se no centro de uma abordagem crítica que se proponha a abrir mão de certezas epistemológicas em direção ao enfrentamento dos múltiplos acasos que constituem a vida social. Para caminhar em tal direção, é imperativo problematizar os habituais parâmetros de linearidade, objetividade, clareza e pureza que vêm orientando percepções mais tradicionais da linguagem e de seu funcionamento. Desse modo, além de desnaturalizar a separação entre linguagem, corpo e mundo social, é preciso desalojar o entendimento de linguagem como sendo primordialmente um instrumento mediador entre o sujeito pensante e a realidade que o cerca, cuja função principal seria a de representar ou descrever objetos, pessoas, fatos, estados de coisas e pensamentos. A compreensão do fenômeno da significação teria que se afastar, assim, de sua caracterização como processo mental, descorporificado, alheio aos corpos e seus vínculos “geográficos, comunitários, identitários e sociopolíticos” (Fabrício, 2017, p. 610). Tal mutilação da diversidade da vida social seria indicial do legado representacional e dos ideais modernos de transparência e cientificismo que ainda nos rondam.

Vário/as estudioso/as vêm se contrapondo à ideologia representacionista pelas lentes de uma visão performativa de linguagem (Butler, 1997; Briggs, 2007; Pennycook 2010, por exemplo). Seguindo o rastro de filósofos como Austin (1962), Wittgenstein (1958), Foucault (1982) e Derrida (2013), colocam em xeque os graus de abstração, autonomia e fixidez impostos à linguagem em favor de uma perspectiva que a concebe como prática. A noção de ação linguística prioriza, não a estrutura da linguagem ou sua função referencial, mas sim sua atuação em contextos interacionais concretos e os efeitos de sentido neles engendrados. A ideia de performatividade na linguagem contempla a dinâmica entre

persistências (repetição) e rupturas (transformações), apurando o olhar para as fissuras e os vazamentos dentro da norma. Elege, assim, a imprecisão, a efemeridade e o fluxo como aspectos centrais do processo de significação. Tal perspectiva tomaria como objetos de observação processos considerados marginais em abordagens que priorizam sistemas de normatização, como por exemplo a relação entre práticas linguageiras e performances de gênero, sexualidade, raça, classe social etc.

Considerar processos de significação pelo viés da provisoriidade e da dinâmica repetição-transformação envolve, além da reflexão sobre ideologias linguísticas persistentes, a imaginação de outras formas de pensar, conhecer e interrogar. Segundo Blommaert (2005) e Blommaert (2013), a tarefa demanda incorporar à discussão sobre linguagem outras dimensões, geralmente esquecidas, como trajetórias de textos, multissemiose e indexicalidade. Esses elementos nos permitiriam atentar para variações contínuas e possibilidades de mistura de recursos. A primeira, chama a atenção para a natureza móvel dos textos, que existem em movimento, percorrendo itinerários múltiplos. Na celeridade das trocas comunicativas atuais, textos são descentrados de seus contextos originais e recentrados em novos ambientes comunicativos em uma velocidade frenética. Fenômenos virais na internet seriam ilustrativos das rotas cada vez mais errantes de textos. Nesse trânsito incessante, eles se repetem e se renovam, pois entram em diálogo com múltiplas vozes, repertórios semânticos e recursos semióticos. Outros recursos – corporais, imagéticos, musicais e filmicos, por exemplo – entram em ação nos encontros comunicativos (Blommaert e Rampton, 2011; Moita-Lopes e Fabrício, 2018). Contatos textuais dessa natureza destronam a percepção de centralidade dos signos linguísticos em favor da ideia de pluralidade sígnica. Desbancam também o modelo objeto-referenciação linear. No choque entre textos, os diversos signos em jogo nem sempre apontam para o mesmo referente, podendo movimentar-se multidirecionalmente.

É a dimensão da indexicalidade que pode esclarecer essa operação errática, que abala o sentido de designação ostensiva e o tipo de circulação unidirecional nele pressuposto. O apontar indexical se orienta não para objetos e fatos, mas para um amplo repertório semântico do qual fazem parte discursos, narrativas, convenções reguladoras e posições de sujeito hierarquizadas (generificadas, sexualizadas, racializadas, nacionalizadas etc.). Um signo, portanto, invoca não apenas sentidos referenciais, mas também todo um complexo sociocultural orientador de pensamentos, ações corpóreo-semióticas e sistemas de valoração. Atos indexicais são, portanto, performativos, pois orientam nossos modos de perceber, interpretar e imaginar o que vivenciamos como mundo real. É por tal razão que Lemke (1995) argumenta que a atividade textual é eminentemente política, porque ideológica e performativa.

Assim sendo, a produção de sentido sobre a operatória textual-indexical faz parte da tarefa crítica. Observá-la requer a proximidade tanto do sistema de crenças, valores e formas habitualizadas de pensamento/interpretação (narrativas históricas) quanto dos textos emergentes na micropolítica cotidiana (histórias locais). Esse tipo de empreitada requer simultaneamente a reinvenção de modos de interrogação, a proximidade entre sujeito e objeto de pesquisa, e a implicação do/a pesquisador/a com o processo de produção de conhecimento. Segundo Blommaert e Rampton (2011), a associação de sensibilidade etnográfica e estudos de processos discursivo-semióticos poderia incitar a imaginação epistemológica e a produção de “crônicas de complexidade” (Blommaert, 2013). Alguns dos estudos acima mencionados (Camargo, 2019; Borba, 2016; Rocha, 2014, por exemplo), mostram como a pesquisa de campo e os procedimentos de geração de dados que ela implementa forjam o próprio campo,



borrando as fronteiras entre sujeitos pesquisador-pesquisado. A etnografia, como meio de construção de conhecimento, promove interpenetrações, aprendizagem conjunta e projeção de racionalizações possíveis sobre a experiência de pesquisa sempre abertas a transformações. Tal conduta epistemológica enfrenta diretamente a instabilidade dos signos, sua carga ideológica e as infinitas estratégias de negociação de sentidos com os “outros” no cotidiano da vida social.

## Imaginar o impossível

A tradição na pesquisa tem se arraigado à imaginação do possível no campo de estudos da linguagem, para além da Linguística Aplicada. Em geral, uma linha teórico-analítica-metodológica é tomada como a última verdade que se repete continuamente num Programa de pesquisa anos a fio, passando de orientador/a para orientando/as, em um eterno jogo que pode ser chamado de mais-do-mesmo. Estes vão dar continuidade àquela tradição que muitas vezes utilizam *corpora* de investigação envelhecidos gerados por metodologias e teorias questionáveis, em projetos que almejam grandes generalizações com distância crítica. Como exemplo, podemos elencar teorias linguísticas que 1) não incorporam a mobilidade linguística e textual contemporâneas ou a subjetividade performativa das pessoas que constroem textos e recursos semióticos; 2) utilizam dados linguísticos acumulados em bancos que ignoram as práticas sociodiscursivas geradoras de tais dados; e 3) desconsideram os rastros indexicais que apontam para o repertório social movente de nossa modernidade em transição. Como problematizar essas práticas científicas consagradas?

Argumentamos que a atenção para a dinâmica normalização-inovação é central na atividade crítica contemporânea. É nela que se articulam agenciamentos e imprevisibilidades dentro de sistemas de regulação. Detectar os acasos que, emergindo na fluidez e maleabilidade da experiência cotidiana, driblam padrões de normatividade é uma questão de foco e observação acurada, alimentada por um aparato teórico-analítico-metodológico e epistemológico construído como ideologia. Requer olhar prescrutador, atento aos micromovimentos e sua potência transgressora. São esses parâmetros que, possibilitando imaginar o impossível, constituiriam o traço distintivo da produção de ‘crônicas de proximidade crítica’ em Linguística Aplicada.

## Agradecimentos

Somos gratos ao CNPq pelo auxílio à pesquisa. Processos nº 302935/2017-7 (Luiz Paulo da Moita-Lopes) e 311578/2016-0 (Branca Falabella Fabrício).

## Referências

- ANZALDÚA, G. 1987. *Borderlands, la frontera: the New Mestiza*. San Francisco, Aunt Lute Books, p. 255.
- AUSTIN, J.L. 1962. *How to do things with words*. Oxford, Clarendon Press, p. 178.

- BARBOZA, R. 2018. *Sentidos e(m) movimento: a construção discursiva de espaços e identidades pelos grafitos de banheiro*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, p. 166.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. 2003. *Voices of modernity: language ideologies and social inequality*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 356. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486647>
- BEAUVOIR, S. 1981. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 904.
- BECK, U. 2001. Interview with Ulrich Beck. *Journal of Consumer Culture*, 1(2):261-277. <https://doi.org/10.1177/146954050100100209>
- BLOMMAERT, J. 2005. *Discourse: a critical introduction*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 299. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511610295>
- BLOMMAERT, J. 2013. *Ethnography, superdiversity, and linguistic landscapes: chronicals of complexity*. Londres, Multilingual Matters, p.144. <https://doi.org/10.21832/9781783090419>
- BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. 2011. Language and superdiversity. *Diversities*, 13(20):1-22.
- BONFANTE, B.G.M. 2016. *Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si*. Rio de Janeiro, Multifoco, 212 p.
- BORBA, R. 2016. *O (des)aprendizado de si: transexualidade, interação e cuidado em saúde*. Rio de Janeiro, Fiocruz, p. 237.
- BRIGGS, C. 2007. Anthropology, interviewing, and communicability in contemporary society. *Current Anthropology*, 48(4):551-580. <https://doi.org/10.1086/518300>
- BUTLER, J. 1990. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Londres, Routledge, p. 172.
- BUTLER, J. 1997. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York, Routledge, p. 185.
- BUTLER, J. 2004. *Undoing gender*. Nova York, Routledge, p. 273. <https://doi.org/10.4324/9780203499627>
- CAMARGO, M. 2019. *Acuenda esse bajubá!: indexicalidades e interseccionalidades nas performances narrativas de uma travesti quilombola*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRJ, p. 201.
- CARVALHO, A.M. 2013. *Práticas de letramento queer na sala de I/LA: discursos e performances identitárias em fricção*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, p. 255.
- DERRIDA, J. 2013. *Gramatologia*. São Paulo, Perspectiva, p. 386.

- FABRÍCIO, B.F. 2018. Policing the borderland in a digital lusophone territory: the pragmatics of entextualization. In: L.P. MOITA-LOPES (ed.), *Global portuguese: linguistic ideology in late modernity*. New York, Routledge, p. 66-86.
- FABRÍCIO, B.F. 2014. Transcontextos educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola. In: D.N. SILVA, D.M.M. FERREIRA, C.N. ALENCAR (eds.), *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo, Cortez, p.145-189.
- FABRÍCIO, B.F. 2017. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma indisciplinaridade radical. *RBLA*, 17(4):599-617. <https://doi.org/10.1590/1984-6398201711426>
- FANON, F. 2008. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador, EDUFBA, p. 194. <https://doi.org/10.7476/9788523212148>
- FERNANDES, E.R. 2017. “*Existe Índio Gay?*” A colonização das sexualidades indígenas no Brasil. Curitiba, Editora Prismas, p. 246.
- FOUCAULT, M. 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, p. 295.
- FOUCAULT, M. 1982. The subject & power. In: H. DREYFUS; P. RABINOW (eds.), *Michel Foucault: beyond structuralism & hermeneutics*. New York, Harvester Wheatsheaf, p. 208-226.
- FREITAS, L.F.H.; MOITA-LOPES, L.P. 2019. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. *RVBLA*, 19(1):147-172. <https://doi.org/10.1590/1984-6398201913696>
- GONZALEZ, C.; MOITA-LOPES, L.P. 2015. Posicionamentos interacionais mobilizados por Tudo sobre minha mãe na rede social Filmow. *D.E.L.T.A.*, 31(2):473-503.
- GRUZINSKI, S. 2001. *O pensamento mestiço*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 398.
- LEMKE, J.L. 1995. *Textual politics: discourse and social dynamics*. London, Taylor and Francis, p. 196.
- MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. (eds.). 2007. *Disinventing and reconstituting languages*. Londres, Multilingual Matters, p. 240. <https://doi.org/10.21832/9781853599255-013>
- MELO, G.C.V.; MOITA-LOPES, L.P. 2014. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. *Linguagem em (Dis)curso*, 3:653-673. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-140312-4413>
- MIGNOLO, W. 2000. *Local histories: global knowledges and border thinking*. Princeton, Princeton University Press, p. 371.
- MOITA LOPES, L.P. 2013. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: L.P. MOITA LOPES (ed.), *Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo, Parábola, p. 227-247.

MOITA LOPES, L.P.; FABRÍCIO, B.F. 2018. Viagem textual pelo sul global: ideologias linguísticas e metapragmáticas translocais. *Linguagem em (Dis)curso*, **18**:769-784. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180306-do0618>

MOITA LOPES, L.P.; FABRÍCIO, B.F.; GUIMARÃES, T.F. 2019. Scaling queer performativities of genders and sexualities in the periphery of Rio de Janeiro in digital and face-to-face semiotic encounters. In: J. SWANENBERG; S. KROON (eds.), *Language and culture on the margins: local/global interactions*. Londres, Routledge, p. 127-144. <https://doi.org/10.4324/9781351244350-8>

OLIVEIRA, R. S. 2014. *Performances discursivas de artríticos/as reumatóides nos domínios online: a (re-)definição das sociabilidades ditas doentes*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Programa Intersdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, p. 244.

PENNYCOOK, A. 2010. *Language as a local practice*. Londres, Routledge, p. 167. <https://doi.org/10.4324/9780203846223>

PENNYCOOK, A. 2012. *Language and mobility: unexpected places*. Toronto, Multilingual Matters, p. 190. <https://doi.org/10.21832/9781847697653>

PENNYCOOK, A. 2016. Uma linguística aplicada transgressiva. In: L.P. MOITA-LOPES (ed.), *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo, Parábola, p. 67-84.

PINHEIRO, L. G. 2014. *(Re)construindo performances discursivas de maternidade e não-maternidade em espaços virtuais*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Programa Intersdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, p. 229.

PRATT, M.L. 1987. Linguistic utopias. In: N. FABB; D. ATTRIDGE; A. DURANTI; C. MACCABE (eds.), *The linguistics of writing: arguments between language and literature*. Manchester, Manchester University Press, p. 48-66.

PRECIADO, P.B. 2015. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo, N-1 Edições, p. 223.

ROCHA, L.L. 2014. Queer literacies in the Brazilian public school EFL classroom: performing action research. In: E. LEWIS; R. BORBA; B. FABRÍCIO; D. PINTO (eds.), *Queering paradigms IV: south-north dialogues on queer epistemologies, embodiments and activism*. Nova York, Peter Lang, p. 95-115.

RUBIN, G. 1992. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: C.S. VANCE (ed.), *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. London, Pandora, p. 267-293.

SAID, E. 2007. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo, Companhia de Bolso, p. 370.

SANTOS, B.S. 2006. *Renovar la teoria crítica y reinventar la emancipación social*. Buenos Aires, CLACSO, p. 108.

SANTOS, B.S. 2001. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, p. 348.

SANTOS, M. 2000. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, Record p. 174.

SILVA, L.L. 2015. *Letramentos queer e trajetórias de socialização na “sala de aula de inglês” no Ensino Fundamental I*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, p. 280.

VENN, C. 2000. *Occidentalism: modernity and subjectivity*. Londres, Sage, p. 256. <https://doi.org/10.4135/9781446217436>

VERTOVEC, S. 2005. Super-diversity and its implications. *Ethnic and racial studies*, **30**(6):1024-1054.

WITTGENSTEIN, L. 1958. *Philosophical investigations*. Nova York, The Macmillan Company, p. 250.

*Recebido:* 10/10/2019

*Aceito:* 08/11/2019